

2017/05/14

O mais imprevisível país do mundo

Alexandre Reis Rodrigues

Ninguém desiste de tentar analisar a crise norte-coreana porque o assunto está a tornar-se de dia para dia mais grave e preocupante. A tarefa, no entanto, é quase impossível, tal a imprevisibilidade de Kim Jong-un.



Ainda há dias George Friedman desenvolvia uma interpretação do facto de se ter deixado falar da crise. Os EUA estariam envolvidos em negociações secretas para tentar encontrar um desfecho diferente do uso da força para pôr termo a uma situação com que não aceitam conviver – uma Coreia do Norte nuclear.

Para Friedman, Washington tem estado a gerir a crise, como faz habitualmente, através dos órgãos de comunicação social, moldando as declarações políticas de acordo com os objetivos a atingir. É uma maneira fácil, geralmente efetiva e não dispendiosa. Neste caso teve uma primeira fase ruidosa com muitas recriminações e ameaças que, para melhor efeito, foi complementada com a deslocação de poder militar para a região. Terminada esta fase, entrou-se no silêncio mediático para não prejudicar as negociações.

Não se esperava que fossem fáceis. Por isso têm estado a ser conduzidas sem envolvimento direto de elementos dos respetivos governos, americano e norte-coreano, de forma a poder ser negada a sua realização. Neste caso, porém, poderão ser muito mais difíceis do que alguma vez se imaginou. Pelo lado da Coreia do Norte isso não é totalmente inesperado. Era de esperar o recurso habitual a um agravar das tensões em fase de negociações para tentar obter mais concessões. É neste contexto que se encara o ensaio feito no sábado de mais um míssil balístico de alcance intermédio. A diferença, que não é pequena, é que desta vez o míssil caiu mais parte do território russo do que do japonês. Foi acidental, como parte de mais um falhanço, ou foi propositado? Ninguém sabe ao certo, mas o provável é ter sido uma falha.

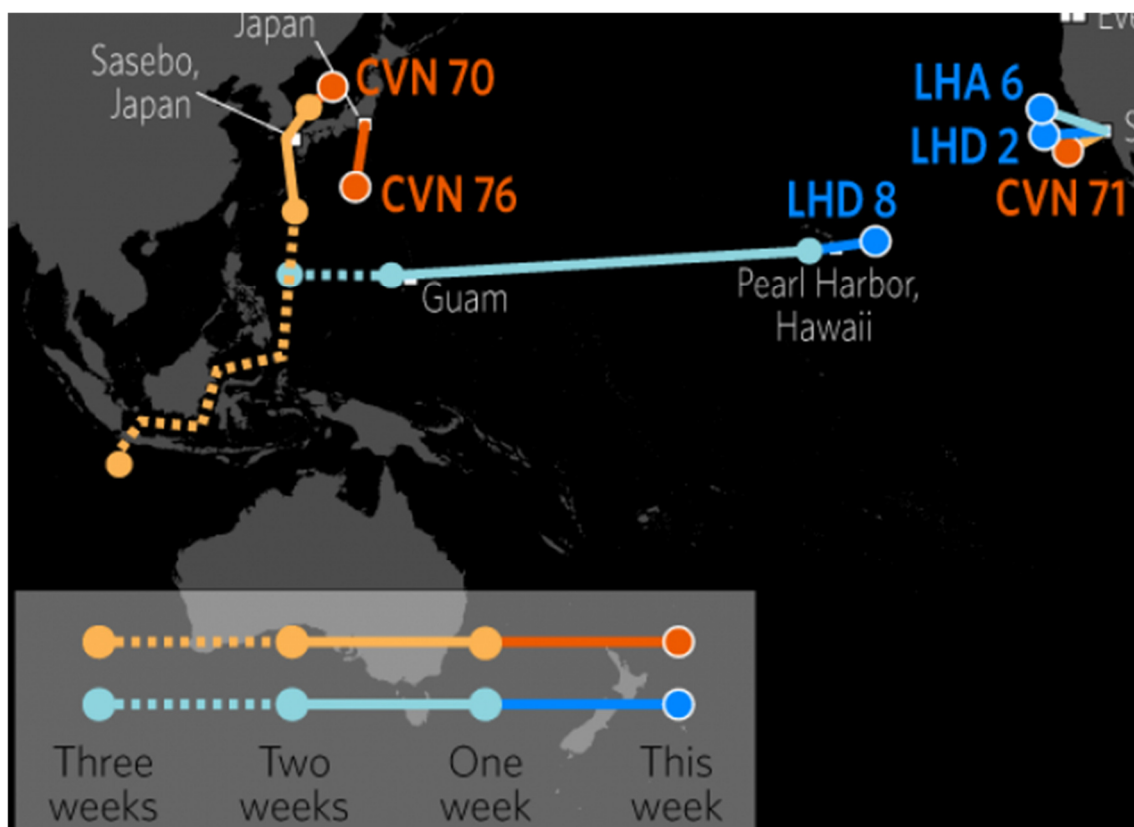
O mais complicado virá, provavelmente do lado de Pequim que não gostará de se ver à margem dessas negociações, quando o que tem tentado é conservar-se na posição de quem tem a chave do problema na mão e está a fazer tudo por resolvê-lo. É evidente a todos que não está porque joga com uma faca de dois gumes. Por um lado, quer uma postura mais sensata da parte de Pyongyang e, sobretudo, o fim do programa nuclear. Pelo outro, quer uma Coreia do Norte que não ceda facilmente para poder mostrar aos EUA como é difícil gerir a crise. Mantendo o conflito em aberto estão a manter os EUA interessados na continuação da sua colaboração, em vez de fazerem exigências. Estão, no entanto, jogar num equilíbrio precário entre manter essa vantagem e pagar o preço de ter às suas portas uma maior presença militar americana.

O que pretendem os EUA demonstrar os EUA com uma presença militar reforçada que, contrariamente ao que tem sido referido, não se limita ao grupo do porta-aviões Carl Vinson (CVN 70)? Inclui mais dois porta aviões: o Theodore Roosevelt (CVN 71) e o Ronald Reagan (CVN 76) e ainda um grupo anfíbio liderado pelo USS Makin Island (LHD 8). Por fim, e não menos importante do que este potencial, há que contar com o que está disponível a partir de Guan.

Regra geral, estas movimentações podem ter dois propósitos principais: demonstrar capacidade de intervir e determinação de a usar para garantir determinados objetivos políticos. É uma forma de uso do poder militar como instrumento da política externa do estado para levar o alvo a reconsiderar a sua postura e aceitar os termos para o início de um processo de negociações. A capacidade, num país como os EUA, não precisa de ser demonstrada. Está á vista de todos e é facilmente avaliada. Mesmo assim é importante concretizar a demonstração. Põe as forças mais perto do local de ação, capazes de intervir em prazo mais curto.

A determinação de intervir é um outro assunto e mais complexo. Não é observável e é dificilmente avaliável porque implica correr riscos que terão quer ponderados no processo de decisão. Neste caso serão muitos e de grande impacto e consequências. Hoje maiores do que eram há algumas atrás antes da tomada de posse de Moon Jae-in como Presidente da Coreia do Sul, que com a sua insistência em abrir um diálogo com Kin Jong-un e com a contestação do sistema de defesa antimíssil THAAD, que considerou decisão prematura, entrou perto de uma rota de colisão com os EUA.

Os EUA continuarão a considerar a opção militar como uma medida de último recurso, mas o prolongamento da atual situação, com a Coreia do Norte a insistir em passos provocatórios pode tornar impossível a manutenção de uma política de contenção. Ao contrário do que se pensava há dias, face ao silencia mediático, a crise está bem viva e até mais aguda do que antes.



(Imagem retirada do último *naval update* da Stratfor)